

O PODER NÃO MUDARÁ O PC DO B

DOIS PONTOS – O PC do B que chega ao poder hoje em Natal, é o mesmo partido combativo que durante anos esteve na oposição?

EVELINE GUERRA – O PC do B tem uma política nacional voltada para a realização de que o povo tenha melhores condições de vida. Nós acreditamos que essas eleições foram uma eleição burguesa, e o partido participa com a vice-prefeitura. A política do partido vai permanecer a mesma. A gente vai sempre se voltar nessa administração a defender a política do partido. Mas nós também precisamos entender que nós estamos num sistema capitalista, participando de uma eleição burguesa, portanto as regras do jogo vão ser essas. Mas dentro desse capitalismo, dentro dessas eleições, nós temos é que fazer um programa de governo voltado mais para resolver o problema popular, e o povo está reclamando isso, de que dentro das possibilidades que a gente tem uma prefeitura, se possa realizar programas mais voltados para a população mais carente.

DOIS PONTOS – Qual o programa mínimo do partido relacionado com a administração municipal do qual seria impraticável fugir, e poderia gerar rompimento entre o partido e a administração municipal?

EVELINE GUERRA – O partido tem uma linha política geral e dessa nós não podemos nos afastar, e nós vamos ter que administrar porque nós vamos ter que enfrentar essas contradições. Mas sempre procurando discutir e levando muito a política do partido, em termos assim de um projeto maior, do programa de partido do PC do B, para a prefeitura. Vamos procurar resolver os problemas do povo sem tentar enganar. Porque nós entendemos que, no sistema capitalista, nós não vamos resolver os principais problemas do nosso povo. Nós sabemos que vivemos uma crise, uma crise estrutural, se você não mexer na questão da concentração da terra e da dependência do nosso país ao capital estrangeiro, nós não vamos resolver o problema do Brasil.

DOIS PONTOS – A senhora não teme um desgaste muito grande com essa participação no governo Aldo?

EVELINE GUERRA – Eu não tenho medo disso não, eu entendo que nós temos é que conquistar cada dia que passa prefeituras mais progressistas, com programas mais democráticos, populares. Porque o que a gente precisa é avançar a organização e a conscientização do povo, e uma das formas é você poder estar participando do executivo. Então eu acredito que isso não vai provocar um desgaste do partido, pelo menos no momento nós não entendemos assim, entendemos que vai ser um espaço que o partido vai poder ocupar, para poder se voltar a fazer política séria. O que nós temos aí é a desonestidade campeando, a gente vê aí a experiência do governo Collor de Mello. Nós não vamos permitir isso dentro da prefeitura, nós vamos querer é utilizar os canais que a gente tem a nível de prefeitura, da melhor forma possível. Com honestidade, com competência, como os recursos serão aplicados.

DOIS PONTOS – Nessa linha que a senhora colocou, o partido se sente bem sentado ao lado de José Agripino, de Carlos Alberto ou outros políticos que ajudaram a Frente?

EVELINE GUERRA – Essa questão foi muito levantada na época de campanha, e é preciso que se esclareça: A Frente Popular de Natal

é formada por partidos que são o PC do B, o PSB, o PC e o PV e mais a prefeita Wilma de Faria. A nossa aliança é isso, é onde nós vamos discutir programas, é onde nós vamos compor governos. O que nós entendemos com a participação de José Agripino e de Carlos Alberto já é diferente. Nós sabemos que Agripino tem um posicionamento político do lado conservador, que é PFL, e nós sabemos que a nível nacional esse partido sempre esteve na direita. O PDC também, que é o partido de Carlos Alberto, é um partido que a gente considera no campo conservador. Tivemos o apoio deles na campanha, diferentemente Carlos Alberto entrou na campanha ainda no primeiro turno, por entender, talvez, não sei, que não houvesse chance da candidatura dele, sem "staff" nenhum e veio nos apoiar. Nós recebemos esse apoio porque entendíamos que nós tínhamos que ter um canal para levar ao povo as denúncias que a gente recebia, as críticas, e a gente não tinha espaço, no primeiro turno nós só tínhamos 1 minuto e 43 segundos no horário do TRE. A prefeita não tinha nenhum espaço na imprensa, e como vocês sabem o PMDB controla uma grande parte da nossa imprensa aqui seja rádio, televisão e jornal. Tinha o Diário de Natal que sempre se mistrou na neutralidade, mas a gente sabe como é essa neutralidade, e o espaço que nós tínhamos era pouco. Quer dizer, se um pessoa vem nos apoiar nós não podemos renegar o apoio de ninguém, nós não podemos dizer não queremos seu voto. E a televisão de Carlos Alberto cumpriu um papel, ajudou, seria um veículo onde a prefeita utilizou, e de certa forma nós pudemos utilizar. E eu acho que José Agripino no primeiro turno ele teve sua candidatura, teve sua coligação. No segundo turno vocês sabem que ele só tinha dois candidatos para fazer opção, e viu Henrique Alves que era do PMDB, e Aldo Tinoco do PSB com a Frente. Qual seria a saída? Vocês sabem que historicamente existe uma briga muito séria das famílias oligárquicas, Alves e Maia. Quer dizer, eu acho que seria até uma contradição José Agripino fortalecer o grupo Alves.

DOIS PONTOS – A senhora considera que os Maia ainda são uma oligarquia?

EVELINE GUERRA – Não, eu não considero isso. Eu considero que ainda é um grupo que resiste aqui, na medida que o Levoisier Maia foi para o PDT, a prefeita Wilma de Faria, que antes Maia, também rompeu com o grupo Maia. Mas existe o grupo Maia, que já não é mais uma oligarquia, mas é um grupo que está no campo conservador, que joga um papel, que a gente não pode desprezar essa força.

DOIS PONTOS – Essas indicações para a Fenat, Urbana e outras pelo senador Carlos Alberto, não seriam uma contradição com essa colocação que a senhora faz de que a Frente é feita de 4 partidos pequenos?

EVELINE GUERRA – Na questão da Fenat, Maeterlink já fazia parte da administração da prefeita Wilma, e existia também uma aliança com a prefeita. Nós vimos que o Maeterlink já cumpriu um papel, era melhor deixar do que mais tarde ter problemas de estar compondo com Carlos Alberto. Na questão da Urbana nós estávamos procurando um engenheiro que pudesse tocar a Urbana, porque a Urbana a gente até hoje reconhece, e todo mundo sabe, que é uma empresa falida. Nós vamos ter problemas para administrar isso. Mas não se tem nenhuma ingerência no nosso programa, nem Carlos Alberto, nem José Agripino, nós vamos manter um relacionamento administrativo e não político. Eu acho que tanto com o governo estadual,

como o governo federal que hoje é Itamar, e esse governo Itamar nós apoiamos, embora de forma independente, onde tiver que fazer política nós vamos fazer. Mas a nível de governo estadual e a nível de outras forças que não estejam no campo da nossa aliança, nós vamos manter um relacionamento administrativo. Nós vamos ter de separar a questão política da administrativa.

DOIS PONTOS – O PC do B está presente em todas essas primeiras decisões, da primeira semana da administração...

EVELINE GUERRA – Desde que Aldo ganhou a eleição, Aldo sempre procurou discutir e manter as alianças. Discutindo com os partidos a composição do governo, isso foi discutido nesse processo de formação do secretariado. Nós vamos permanecer com um comando político, comitê político que é formado pelos presidentes de cada partido. Isso para discutir a política, discutir as questões. Como também por, exemplo, na administração Aldo já colocou a forma como ele quer, o método de como ele quer administrar, e sempre nós vamos buscar, nós sabemos que quando você chega no poder há todo tipo de pressão e tal, nós vamos estar cumprindo com um papel de sempre procurar discutir as questões antes que elas aconteçam, e procurando sempre fazer com que os compromissos de campanha, de você manter uma administração aberta, discutindo não só com a população, como com a sociedade organizada e uma das coisas que nós vamos querer criar é o fórum da cidade, onde a gente não só vai discutir com os partidos, mas nós vamos ter a oportunidade de discutir com toda a sociedade organizada seja com a OAB, seja com a Câmara, sindicatos, as associações comunitárias, estudantes, a Universidade. Vai ser um fórum, vai ser mais uma assembleia, consultiva e não deliberativa.

DOIS PONTOS – Até agora o que é que o governador José Agripino já fez para ajudar a administração de Aldo?

EVELINE GUERRA – José Agripino em termos de governo, até agora não fez nada assim que a gente pudesse dizer que isso representasse algo. O que José Agripino vai poder, e o que a gente vai cobrar dele é que ele repasse o que é de direito da prefeitura, o ICMS, repasse no dia que deve repassar, e isso ele vai repassar. Acho que esse canal nós vamos manter, um canal de diálogo, um canal sério para que os compromissos que o governo tem com a prefeitura sejam saldados em tempo hábil. Normalmente foi isso, inclusive já houve o repasse. Aldo teve uma reunião com o governador, se eu não me engano foi segunda-feira às 16:30, onde a gente senta com ele para repassar e me parece que é dia 4, sempre no início do mês que repassa o ICMS do mês anterior, isso o governador cumpriu.

DOIS PONTOS – Uma das grandes dificuldades dos partidos de esquerda quando chegam ao poder é lidar com os movimentos grevistas. Como é que esse governo vai encaminhar essa questão?

EVELINE GUERRA – Esse é um problema sério, porque existe uma reivindicação dos trabalhadores, e o comportamento que os partidos de esquerda têm que ter frente aos movimentos é de apoio, e não interferir. Acho que os movimentos, os sindicatos, os servidores têm que estar sindicalizados, têm que estar participando, têm que estar discutindo. Mas entender também que a prefeitura não é só de funcionários, a prefeitura é de funcionários mais a população. Então nós temos que ter um salário justo para que os servidores possam prestar esse serviço à po-

Eveline Guerra:

Entrevista a Walter Medeiros e Tácito Costa

O PC do B que chega ao poder é o mesmo que fazia oposição nos últimos anos aos ocupantes do Palácio Felipe Camarão, onde fica a Prefeitura Municipal. Pelo menos essa é a expectativa da vice-prefeita, Eveline Guerra, embora reconheça que o partido enfrentará muitos conflitos pela frente. A vice-prefeita mantém o discurso de esquerda que tem caracterizado o partido, resalta que "a eleição se deu no campo capitalista e burguês, mas dentro desse contexto será feito um programa de governo". A vice-prefeita explica que os quatro partidos que formaram a Frente Popular de Natal mais a ex-prefeita Wilma de Faria é que vão governar Natal e que os cargos dados ao ex-senador Carlos Alberto se deu mais em função da abertura da sua televisão para a Frente. Rechaça qualquer acordo com o governador José Agripino a quem considera representante da direita no Estado, mas revela que não existe mais oligarquia Maia no Rio Grande do Norte. Eveline reconhece que o prefeito Aldo Tinoco recebeu uma herança pesada para administrar e que vai ser necessário enxugar o município. Sobre como as greves serão enfrentadas, a vice-prefeita diz que os movimentos terão o apoio do PC do B. O anúncio de que haveria mudança na política salarial do município feito pelo prefeito nos jornais, pegou a vice-prefeita de surpresa: "Eu não tenho o conhecimento disso, soube hoje através dos jornais".



pulação. Então como é que nós vamos nos comportar? Vamos ter que ter transparência, eu acho até que esta palavra está um pouco desgastada, mas nós vamos ter que buscar e discutir, por exemplo, já está marcada uma reunião com todos os sindicatos dos servidores, saúde, o pessoal do funcionalismo, o pessoal da Urbana, o pessoal do Sinte, os educadores. Nós vamos discutir e mostrar para eles, porque nós estamos já enfrentando um problema, o salário de dezembro não foi pago e nós vamos sentar com esses sindicatos para discutir um cronograma de pagamento. O que acontece é que nós quando estamos num movimento sindical, nós não temos acesso à situação da empresa ou à situação da prefeitura, ou à situação do governo e isso nós vamos colocar, e discutir com eles uma saída viável para que a prefeitura possa administrar. Nós temos que pagar o salário de dezembro e nós vamos enfrentar uma política salarial que agora é o quadrimestre que nós temos que pagar aos servidores.

DOIS PONTOS – Não existe nesse momento uma contradição, uma vez que Aldo já enviou à Câmara uma nova política salarial, sem ter consultado os sindicatos?

EVELINE GUERRA – Eu não tenho conhecimento disso. Inclusive eu tomei conhecimento hoje, através de jornais, nós estamos discutindo isso, e eu não tenho conhecimento disso. E o compromisso de campanha é que a gente vai sempre procurar ouvir e acredito que nós vamos ter que mudar essa política salarial, mas vai ser uma coisa discutida com os sindicatos, mas também a Câmara joga um papel, você tem que discutir com os sindicatos, e vai ter que discutir também com os vereadores. Porque nós entendemos que os vereadores têm que ter uma participação diferente nessa administração. Acho que os vereadores têm que ser chamados a não só participar dos projetos que vão para a Câmara mas também poder até participar da discussão com a comunidade. Porque eu acho que é isso o mandato, os vereadores vão ter que ter acesso à prefeitura, saber como está a prefeitura, saber as necessidades que a prefeitura precisa para poder administrar. Porque a nossa proposta é diferente, por exemplo: o orçamento deu a maior calamidade, nós estamos aí, inclusive, derrubando o veto dos vereadores. Por quê? Porque isso não foi discutido, a Câmara, os vereadores não participaram dessa discussão, a população também não tomou conhecimento, e o que é que nós estamos querendo? É que esse ano quando nós vamos elaborar a proposta orçamentária para 94 nós possamos discutir não só com os vereadores, mas com a sociedade, de como vai ser esse orçamento, e o fórum da cidade vai discutir os grandes projetos, e eu acho que isso é você procurar administrar, não é fácil porque existe toda uma sistemática, toda uma cultura, que vem sendo desenvolvida na prefeitura. Nós precisamos mudar essa cultura, e a gente sabe que quando você vai mudar cultura, não se muda assim só com o querer.

DOIS PONTOS – A senhora defende a mudança na política salarial, e os servidores estão querendo que continue a ser a mesma. Quer dizer que essa mudança, naturalmente vai ser pior para o servidor?

EVELINE GUERRA – A Lei Orgânica estabeleceu que você pode comprometer com o pessoal 65% da receita. Nós sabemos que hoje ela já compromete mais. Nós sabemos que não podemos ter uma prefeitura isolada do conjunto nacional. Existe uma política recessiva, existe uma política de arrocho salarial que o PC do B não concorda com isso, e nós vamos estar comba-

tendo na prefeitura essa política, mas nós também não podemos mudar uma política nacional, nós temos é que fazer e por isso que eu acho que é diferente, o PC do B participando de uma prefeitura. Porque nós não vamos só a nível da prefeitura administrar esse conflito, nós vamos ter que lutar e fazer com o povo lute contra essa política nacional. Existe uma Constituição Federal, existe uma lei orgânica municipal, existem também os direitos dos trabalhadores. Nós vamos ter que sentar e ver junto com os trabalhadores, qual vai ser a política que a gente possa viabilizar, que haja uma recuperação dos salários dos servidores, mas que não comprometa o orçamento da prefeitura. Nós temos algumas experiências em Porto Alegre, Porto Alegre também mudou a sua política salarial, nós temos esse conhecimento. Eles fizeram uma política e discutiram com os servidores, uma política vinculada a arrecadação. Eu acho que isso, não sei se aqui vai ser essa forma, vai ser uma discussão e é por isso que a gente não vai ditar leis políticas sem estar discutindo com os servidores, o que também será melhor para o servidor. A gente sabe que vai ter que ceder, servidor vai ter que ceder, e governantes que estão na prefeitura vão ter que ceder. E assim é que nós vamos chegar a uma mediação que satisfaça a um e a outro. Porque não há interesse do servidor de ter uma política salarial, que a gente vá estar atrasando salários.

DOIS PONTOS – Pela primeira vez a prefeitura atrasou os salários. Ao mesmo tempo os fornecedores também não receberam e várias obras de magnitude ficaram inacabadas. A senhora não acha que esse é um legado um pouco pesado para uma administração que está começando?

EVELINE GUERRA – É, realmente isso acontece. Eu acho que pegar uma prefeitura com dívidas não é fácil. Nós vamos ter medidas de contenção. Na quinta-feira o prefeito deve estar assinando um decreto de contenção de despesas e outras providências. A gente vai enxugar um pouco essa realidade. Nós vamos priorizar pagamento de pessoal, e depois nós vamos saldar, nós não vamos passar calote em nenhum empreiteiro. O interesse nosso é saldar todas as dívidas agora, vai ter prioridade o funcionalismo, nós vamos fazer isso. Nós não vamos querer, por exemplo, como outras prefeituras que a gente sabe, que os empreiteiros têm dívidas, dívidas anteriores e tal, não são saldadas. Nós vamos ter que saldar isso, agora nós vamos pedir inclusive e eu acho que essa vai ter a competência de discutir com as pessoas com quem a prefeitura tem o débito, para ver uma forma de como a prefeitura vai saldar isso.

DOIS PONTOS – A senhora desde a campanha tem já uma missão, voltada para a Zona Norte. A senhora vai se instalar na Zona Norte, a partir de quando, e quais são seus planos de trabalho?

EVELINE GUERRA – Esse é um compromisso de campanha, e eu acho um compromisso justo, a Zona Norte tem uma população em torno de 250 mil habitantes. E carece de todos os serviços, é como uma cidade dormitório. O povo dorme na Zona Norte, e trabalha aqui em Natal ou até em São Gonçalo, Macalva, Extremoz, nos municípios vizinhos. É preciso uma atenção especial. Isso não quer dizer, que nós vamos esquecer as outras regiões, a Zona Oeste, Zona Sul, Zona Leste. Nós vamos também ter ações, vamos trabalhar e continuar trabalhando, mas a Zona Norte precisa de uma atenção especial. Nós já estamos providenciando para a vice-prefeitura ir para a Zona Norte.